



Pela (Re)Afirmação do Espaço na e para além da Linguística Aplicada: Apontamentos teóricos e empírico-metodológicos

*For the (Re)Affirmation of space in and beyond
Applied Linguistics: Theoretical, empirical
and methodological notes*

Camila Lawson SCHEIFER (UCPel)*

RESUMO

Este artigo representa uma tentativa de estabelecer teórica e empiricamente possíveis pressupostos para o estudo do espaço como uma prática social. Tendo como referência teóricos que afirmam que o espaço não é meramente o pano de fundo estático onde a ação sócio-histórica se desenrola, mas um construto social que resulta de uma série de colonizações temporárias problemáticas que dividem e conectam as coisas em diferentes tipos de coletivos, estou interessada no papel material, simbólico e corpóreo dos processos de significação na criação das colonizações temporárias das quais o espaço resulta.

Palavras-chave: *prática social; espaço; significação; rede.*

*. Professora Adjunta no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas e Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp / Prof^a. No PPGL da UCPEL.

ABSTRACT

This paper represents an attempt to theoretically and empirically establish possible assumptions for the study of space as a social practice. Informed by theorists who assert that space is not merely the external static background where sociohistorical takes place, but a social construct that results from the outcome of a series of problematic temporary settlements that divide and connect things up to different kinds of collectives, I am concerned with the role of material, symbolic and embodied meaning-making practices in creating the temporary settlements of which space results.

Key-words: *social practice; space; meaning-making; network.*

Introdução

“(…) – Está no porão da sala de jantar – explicou, com a dicção acelerada pela angústia. – É meu, é meu: eu o descobri quando criança, antes da idade escolar. A escada do porão é empinada, meus tios tinham me proibido de descer, mas alguém disse que havia um mundo no porão. Estava se referindo, só soube depois, a um baú, mas entendi que havia um mundo. Desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph.”

(O Aleph, Jorge Luis Borges)

No campo aplicado de estudos da linguagem, a problematização do conceito de espaço alia-se à problematização do conceito de língua(gem). Elucidativo dessa relação é o entendimento de que a língua(gem) é uma prática que se constitui como propriedade emergente de várias outras práticas sociais (entre as quais, as práticas espaciais), não uma entidade passível de ser usada e transferida entre diferentes contextos (Pennycook 2010). Essa mudança de interpretação de uma visão de língua como sistema autônomo e individual, preexistente ao seu uso, para uma visão de língua(gem) como produto de práticas contextualizadas, corporais e políticas deu-se por virtude de uma série de viradas nas Ciências Sociais que vêm na esteira pós-estruturalista e pós-moderna que enfatiza o argumento de não ser possível tomarmos a língua(gem), o corpo, e o espaço como entidades dotadas de significados evidentes e diretamente apreensíveis (Pennycook 2010).

Entre essas orientações, interessa aqui especialmente destacar “a virada espacial” (Lefebvre 1991; Soja 1989; 1996; Massey 1994), responsável pelo questionamento do espaço kantiano, visto como categoria fixa e imutável, e pela postulação de que o espaço é um produto social sempre em processo. Tal interpretação, em última análise, permitiu localizar a linguagem como uma prática produzida por e produtora de tempos e espaços particulares (Leander; Sheehy 2004).

Nos estudos da linguagem, a problemática espacial tem sido abordada de maneira mais expressiva sob o viés das discussões sobre contexto e espaço social, principalmente a partir do diálogo com diferentes disciplinas (Goffman 1963; Lave 1988; Levinson 1988; Latour 1985; Hutchins 1995; Goodwin 2000; Goodwin & Goodwin 2004), nos últimos anos. Nesse sentido, dois textos ilustrativos do tipo de questão espacial que tem interessado à Linguística Aplicada (doravante LA) são os trabalhos de Mondada (2008) e Blommaert (2008).

A primeira, assumindo uma perspectiva praxeológica, segundo a qual se enfatiza a dimensão localmente situada das atividades cognitivas, ocupa-se da apreensão da espacialidade na ação, na relação palavra e prática. Logo, pensa o espaço não como uma determinação predefinida da ação, mas como um recurso para a própria ação. Apesar de reconhecer as contribuições vindas de áreas distintas, Mondada entende que é ainda preciso aprofundar uma abordagem praxeológica do espaço que abarque, ao mesmo tempo, a materialidade e a plasticidade tanto exterior à interação quanto configurada pela interação, sem que se reifique a dimensão espacial ou proponha qualquer forma de determinismo espacial.

Blommaert (2008), discutindo como concepções de contexto têm sido utilizadas em tendências críticas da análise do discurso (Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso), aponta que um dos problemas metodológicos mais significativos na análise do discurso de um modo geral é a questão do enquadramento do discurso em seleções particulares de contextos. Para o autor, o contexto é geralmente apenas o pano de fundo da análise do discurso; ainda que propostas conexões em torno do texto e do contexto, ambos permanecem como unidades distintas. Como consequência desse tipo de abordagem, a exemplo da Análise Crítica do Discurso, tem-se que as relações de poder acabariam sendo sempre

predefinidas pelo analista por meio de narrativas contextuais para, em seguida, serem confirmadas por traços do discurso. Para Blommaert, concepções de contexto, em vez de serem vistas como contribuições referenciais diretas ao significado textual, precisam ser interpretadas como as próprias condições para a produção e para a interpretação do discurso (2008:112).

Não abrir a dimensão espacial à crítica tem como implicação visões e apreensões simplificadas do contexto, em que a dimensão descritiva do espaço, referente à ordem representacional, acaba sendo priorizada em relação às dimensões materiais e empíricas. Nesse sentido, Blommaert (2008) postula que é preciso mudar o foco da explicação do texto para a explicação da sociedade através do texto. Na mesma direção, Mondada (2008:77) defende que interessa menos o espaço enquanto objeto de discurso que o espaço em que se ancora o discurso. Em outros termos, a autora pontua que é preciso ultrapassar uma noção de espaço que sirva simplesmente de moldura à interação para que passem a ser objeto de análise também a sua estrutura, disposição, transformação, e sua ocupação pela ação.

É, por sua vez, a complexidade da realidade social que caracteriza as sociedades ditas modernas, especialmente no que diz respeito às consequências espaciais da cultura digital ou cibercultura, que tem tornado evidente e imperativa a necessidade de teorizarmos sobre o espaço no campo de estudos da LA. Isso porque, mais do que em qualquer época anterior, o meio digital não somente potencializa em termos quantitativos e qualitativos a nossa experiência espacial como também a torna crítica, uma vez que as fronteiras entre espaços tidos como discretos, como o *online* e *off-line*, tornam-se empiricamente tênues e porosas (Leander 2008).

Soma-se a isso o fato de que o meio digital nos convoca a termos que lidar com o fenômeno da “multiterritorialidade” (Haesbaert 2009: 2-3). Isto é, com a possibilidade da “vivência concomitante ou sucessiva de múltiplos territórios na composição de nossa territorialidade¹”, de forma que, devido em grande medida às tecnologias digitais

1. Por territorialidade entendo “a multidimensionalidade do vivido territorial”, que se expressa por meio de um conjunto de relações de poder, funcionais e/ou simbólicas entre sociedade e espaço (Haesbaert; Mondardo, 2010:30).

da informação e da comunicação (TDIC), hoje podemos ter espaços distantes em uma mesma temporalidade, como ocorre em situações de comunicação entre sujeitos que, apesar de distantes fisicamente, encontram-se no mesmo tempo e lugar de uma determinada plataforma de interação virtual.

Em consequência dessa compressão espaço-temporal, não somente relações que anteriormente se faziam “aqui-e-agora” podem ser espacialmente dissociadas e reencaixadas em outra configuração e/ou escala espacial (Haesbaert 2009:160) em dimensões jamais imaginadas, mas é também possível ao sujeito fazer-se presente em vários lugares ao mesmo tempo. Mais do que isso, o que antes era visto como um único lugar passa a ser encarado, na verdade, como uma miríade de territórios. Haesbaert afirma que, por trás do fenômeno da multiterritorialidade, é a própria concepção de contexto que está sendo alterada, haja vista que “cada vez mais a dinâmica social se efetiva em relação a outros níveis espaciais, outros pontos de referência, muitas vezes completamente alheios às circunstâncias locais ou de contato face a face” (2009:159).

À luz dos argumentos até aqui explicitados, alinho-me à preocupação espacial de Mondada (2008) e Blommaert (2008), e aproximo-me dos teóricos da virada espacial, para defender que o campo aplicado de estudos da linguagem não pode mais se furtar de tomar o espaço como objeto de estudo e como categoria epistemológica e filosófica para a compreensão das práticas de linguagem, cada vez mais híbridas (Garcia-Canclini 2008), que caracterizam o mundo contemporâneo. No entanto, entendo que, em nossa área, nos faltam (ainda) aparatos tanto conceituais quanto analíticos que nos permitam discorrer sistematicamente sobre a dinâmica viva do espaço, reconhecendo-a em sua contingência e complexidade, e elevá-lo ao mesmo *status* ontológico atribuído àquilo que temos denominado de social e de histórico (Lefebvre 1991).

É na humilde tentativa de dar conta, sempre provisoriamente, dessa lacuna que convido o leitor(a) para, daqui em diante, voltar-se para outros espaços (e/ou espaços outros) - como quem rola pela escada proibida de Borges à procura do Aleph, na esperança de delinear uma inteligibilidade alternativa para pensarmos a relação espaço e significação na e para além da Linguística Aplicada. Filio-me, assim, à proposta

de Pennycook (2010) de engajamento com práticas problematizadoras como forma de constantemente questionarmos os termos e os quadros com os quais, como linguistas aplicados, construímos racionalidade acerca das práticas de linguagem.

Para tanto, nas seções que se seguem, a partir de um diálogo com teóricos da disciplina tida como mãe do espaço – a Geografia (Lefebvre 1991; Soja 1996; Thrift 2003; Massey 2005), articulo os fundamentos para uma nova interpretação espacial aos estudos da linguagem, a qual busca: i) reivindicar o papel ativo e performativo do espaço nas práticas sociais, mais especificamente nas práticas de construção de sentido ou significação, tomadas aqui sob o enfoque dos estudos de letramento (Brandt; Clinton 2002; Street 2003; Barton; Hamilton 2005; Leander 2002; Leander; Lovvorn 2006; Buzato 2012b; 2012b); ii) conciliar, de maneira não contínua, as dimensões tanto simbólicas quanto materiais que entram em cena em tais práticas. Em seguida, com base nessa articulação teórica, proponho uma abordagem metodológica incipiente para o estudo do que chamo de “espaço retórico”.

Viagens à Geografia e Outros Espaços - *O espaço social, O espaço das redes*

Segundo o geógrafo Henri Lefebvre (1991) o estudo do espaço é complexo demais para ficar restrito a uma única área de investigação, haja vista que todo espaço é sempre uma prática social dinâmica constituída de dimensões simbólicas e materiais/concretas. Dizer que o espaço é uma prática (Lefebvre 1991; Soja 1989; 1996; Massey 2005) significa abandonar a ideia de que o espaço existe como um todo coerente onde tudo está disposto e encaixado, um contêiner fixo onde os fenômenos das mais diversas ordens ganham vida; ao contrário, implica em reconhecer que todo espaço é uma construção emergente, em constante negociação, por isso aberta a disputas, dominações e resistências.

O espaço como prática social resulta como efeito de um conjunto de inter-relações de redes complexas e híbridas (Thrift 2003; Massey 2005) que conectam em coletivos elementos da ordem do concreto e físico - *espaço percebido*, da ordem do representacional ou simbólico - *espaço concebido*, e da ordem empírica - *espaço vivido* (Lefebvre

1991). É na dimensão viva do espaço, ou seja, no espaço tal qual vivido por seus usuários, que as dimensões simbólicas e materiais (tomadas distintivamente somente em termos abstratos por razões analíticas) articulam-se no que Soja (1996) chama de “terceiro espaço,” fazendo do espaço uma experiência única para cada sujeito, um acontecimento, uma prática co-produtora do mundo social (Thrift 2003).

Em outros termos, isso equivale a postular que o espaço não existe como uma ordem dada *a priori*; porém apenas enquanto uma articulação e feixe de relações, ou seja, um conjunto de natureza rizomática formado por trajetórias simultâneas de gêneses distintas que se encontram num mesmo ponto para formar uma determinada configuração espacial. “O espaço é criado a partir de grandes enredamentos, de incríveis complexidades, de interligações e não interligações, e de redes de relações a cada escala do local ao global [tradução minha]” (Massey 1994:265).

O que faz o espaço visível nesse conjunto de relações é a simultaneidade. Porém uma simultaneidade não estática, apesar de absoluta. Como resultado do postulado de que o espaço é fruto de relações sociais, Massey afirma que a esfera espacial não pode ser destituída de poder e simbolismo, ou seja, “de uma rede complexa de relações de dominância e subordinação, de solidariedade e cooperação”, [tradução minha], que ela denomina de “geometria de poder” (Massey 1993).

O fato do espaço ser resultante de uma série de relações entre elementos inerentemente híbridos (Thrift 2003), articulados a partir de trajetórias (ou histórias) específicas (Massey 2005), nos coloca uma complexidade com a qual somente é possível lidar sob a ótica de epistemologias transfronteiras que abarquem o simbólico e o material de uma perspectiva integradora. No âmbito dos estudos em nossa área, tal atitude significa filiar-se a abordagens transdisciplinares (Signorini; Cavalcanti 2004) ou indisciplinadas (Moita Lopes 2008) de se fazer Linguística Aplicada. Ainda que a diferença epistemológica entre essas abordagens tenha sido tema de discussão nos últimos tempos (Moita Lopes 2004; Leffa 2006; Severo; Paula 2010; Scheifer 2013), não é de meu interesse aqui pontuar tais diferenças, apenas marcar que, em virtude da natureza complexa do espaço, o seu estudo demanda percursos de investigação que apostem na “metáfora da trama movente” (Fabrício 2008) como forma de se construir conhecimento.

Nesse sentido, além do diálogo com a Geografia, aproximações com a Teoria Ator-Rede (TAR) (Latour 2005) podem ser proficuas para pensarmos uma abordagem teórica e metodológica que nos permita estudar as redes heterogêneas das quais o espaço resulta sempre como um efeito. A TAR se ocupa de redes heterogêneas, já que constituídas de atores humanos e não humanos. Uma rede heterogênea corresponde a uma prática social porque congrega entidades de tipos distintos (humanas e não humanas, concretas e abstratas, materiais e imateriais) que não possuem qualquer qualidade inerente; ao contrário, adquirem forma e funcionalidade de acordo com as relações que estabelecem com outras entidades dispersas na rede (cf.: Buzato 2012b:787).

Dito de outro modo, entidades distintas trabalham e se definem por uma dinâmica relacional, razão pela qual se constituem como redes em si mesmas ou atores-rede. Para a teoria, o ator jamais é a origem de uma ação, mas “o alvo em movimento de um vasto conjunto de entidades pululando em sua direção” [tradução minha] (LATOUR 2005:46), motivo pelo qual todo ator é, de fato, um ator-rede. Ainda conforme o Latour, o que conecta essas entidades em uma rede são as ações continuamente deslocadas e traduzidas na linguagem de cada um dos atores-redes relacionados.

Apesar de a TAR não ser uma teoria do espaço, trata-se uma teoria espacial, uma vez que seu “objeto” de análise são as circulações e expansões que têm como efeito uma determinada configuração relacional do social. Por essa razão, é frequentemente citada por geógrafos como Thrift (2003), Massey (2005) e Haesbaert (2004) e também por teóricos do campo da linguagem que buscam entender os letramentos como fenômenos transcontextualizadores, logo agentes produtores e organizadores de espaço-temporalidades (Clarke 2001; Haminton 2001; Brandt; Clinton 2002; Barton; Hamilton 2005; Leander; Lovvorn 2006; Buzato 2007a; 2007b; 2009; 2012a; 2012b; Scheifer 2014).

A TAR é uma abordagem filosófico-material que abarca sentido e espaço a partir de um enfoque interessante aos estudos da linguagem, visto que tanto oferece um aporte conceitual para compreendermos a construção semiótica e material do espaço quanto sugere uma abordagem metodológica espacial, através da noção de translação², para rastre-

2. A TAR assume não existir um domínio social a priori que estabeleça relações de causalidade entre elementos. Por isso, em vez de falar em interações entre humanos e não

ar a sua construção. Ela vem a mostrar que a produção dos fenômenos sociais inclui transportes e circulações de sujeitos, objetos, tecnologias, textos e discursos, os quais vão construindo espaço-temporalidades na medida em que se movimentam reticularmente.

Pelo fato de que tudo o que constitui a ordem social está conectado em rede, à luz dessa teoria, entende-se não haver descontinuidade entre o global e o local, a natureza e a cultura, o material e o simbólico, mas conexões por meio de dispositivos que os relacionam (Buzato 2012a), chamados de objetos fronteiricos (Star; Griesemer 1989), e assim trabalham para estabilizar uma determinada ordem espacial. Segundo Buzato, o termo que melhor captura a essência da TAR é “materialismo relacional” (Law 1992:67), “expressão que designa a asserção radical de que não existe o social fora das redes heterogêneas que colocam em relação entidades humanas e não humanas”. Qualquer agrupamento denominado social - ou espacial - é sempre um movimento de associações e conexões incertas e temporárias que precisam ser continuadas para que permaneçam existindo (Latour 2005:37).

Por estarmos localizados na Linguística Aplicada, é de nosso interesse focal os processos de ordem semiótica que se relacionam à construção do espaço. Tal preocupação encontra respaldo em Lefebvre (1991), para quem a compreensão do espaço deve também incluir o entendimento da linguagem, já que qualquer discurso é localizado *em*, oriundo *de* e tem algo a dizer *sobre* um espaço. É justamente a dimensão simbólica que “coloniza” a prática espacial, transformando o espaço em lugar (Massey 1994:2005). Isto é, uma articulação, num determinado aqui-e-agora, de trajetórias no conjunto das geometrias de poder mais amplas que compõem o espaço (Massey 2005). No entanto, Lefebvre adverte que a teoria espacial deve ir além da descrição textual para incluir também uma análise do que denomina de “textura” (1991:131) do espaço: aquilo que chama por representação.

humanos, fala em translações: processos que envolvem desvios de rota no transporte e circulações de ações e articulações temporárias nas quais cada elemento expressa o interesse dos demais elementos em sua própria linguagem. A translação é uma forma de relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores a coexistirem, de forma que se parecer que uma causalidade está sendo transportada significa que outros mediadores foram mobilizados para tornar esse deslocamento previsível (cf.: Latour 2005:108).

A prática espacial, ainda que expressa em palavras, não é plenamente explicável pelo discurso. Isso porque a produção do sentido, apesar de amparada no discursivo, não é circunscrita a ele. Corroborando esse raciocínio, Lefebvre afirma que:

“uma obra monumental, como uma musical, não possui um significado (ou significados); em vez disso, apresenta um horizonte de sentido: uma multiplicidade específica ou indefinida de sentidos, uma hierarquia cambiante na qual ora um, ora outro sentido momentaneamente prevalece por meio de – e para além de – uma ação particular” [tradução minha] (1991:222).

Similarmente, Bakhtin (1929 [1997] *apud* Faraco 2006) afirma que a verbalização total de um ato realizado ou evento singular é inalcançável e sempre permanecerá como algo a ser atingido, pois que “todo sistema de representação é uma espécie de espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça por representar” (Harvey 2010:191). Assume-se, pois, que nenhum signo ideológico é inteiramente substituível por palavras. Exemplo dessa impossibilidade, para Bakhtin, é a dificuldade de se expressar adequadamente em palavras uma composição musical ou representação pictórica. Ainda assim, Bakhtin postula que “embora nenhum desses signos ideológicos seja suplantável por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical” (1929 [1997]:38).

Em face das considerações teóricas tecidas, proponho como desafio empírico-metodológico da LA destramar a *textura* do espaço, na medida do possível, a fim de revelar os processos semióticos que entram em cena em sua construção. Entendo que a elucidação desses processos é capaz de trazer à tona loci de poder, subjetivação, resistência e/ou dominação que, muito provavelmente, não emergiriam em análises não espaciais. Sendo assim, na seção seguinte discorrerei sobre as práticas de significação que se referem à dimensão simbólica da construção do espaço social, mais especificamente, as práticas de letramento. Em termos gerais, por letramento entendo “um conjunto de competências culturais para construir significados sociais reconhecíveis através do uso de tecnologias materiais particulares” (Lemke 2010:456).

Ainda com base em Lemke, defendo que letramentos são práticas sociais aprendidas na participação em relações sociais, cujos sentidos nos conectam a uma rede de significados elaborados por outros. Por entender que todo letramento é sempre amparado em algum tipo de tecnologia, concordo que sua análise não pode se restringir ao que as pessoas fazem, mas deve incluir tudo aquilo com que temos relações de interdependência para sermos a complexa sociedade que somos (Lemke 2010:459), leia-se: os elementos humanos e não humanos, que em processos articulatórios e tradutórios (Latour 2005) formam sistemas de processos interdependentes (Lemke 2010).

Nessa perspectiva, é válido apurar a noção ampla de letramento proposta para pensá-lo como “redes heterogêneas” (Buzato 2009) em que atores humanos e não humanos vinculam-se para transformarem-se mutuamente à medida que vão agregando novos atores e fazendo-os circular, de modo a estabilizar uma determinada ordem ontológica (Buzato 2012a; 2012b). Nesse sentido, Buzato pensa as circulações espaciotemporais³ [sendo fiel à terminologia do autor] como elementos essenciais para a gestação, expansão e manutenção das práticas sociais que chamamos de letramentos.

Uma proposta de estudo do espaço social e algumas considerações empírico metodológicas

“Chego, agora, ao centro inefável de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph que minha temerosa memória mal consegue abarcar?(...) Além disso, o problema central é insolúvel: a enumeração, mesmo parcial, de um conjunto infinito. Naquele instante gigantesco, vi milhões de atos deleitáveis ou atozes; nenhum me assombrou tanto como o fato de todos ocuparem o mesmo ponto, sem superposição: o que transcreverei, sucessivo, porque a linguagem o e. Algo, contudo, recuperarei (...).”

(O Aleph, Jorge Luis Borges)

3. Espaciotemporais ou espaço-temporais.

Entender o espaço como uma prática social tridimensional ou tripartite (Lefebvre 1991; Soja 1996), pois que envolve a inter-relação de dimensões representacionais, concretas e vividas, nos coloca o desafio de abarcar a congregação de entidades de tipos distintos nos processos de produção espacial, tais como os elementos humanos e não humanos de que nos fala Latour (2005), e de rastrear as trajetórias das quais o espaço é resultante. No intuito de dar conta desse desafio, recorro à abordagem metodológica sugerida pela TAR, a qual consiste em tecer uma narrativa ou fazer um relato de uma translação, seguindo-se os rastros deixados na rede por um determinado ator-focal. De acordo com a teoria, a rede não é o que está sendo narrado, mas constitui a própria ferramenta de descrição (cf.: Latour 2005:131).

Com base nos pressupostos explicitados, neste artigo, focalizo um dos eventos de letramento que compõem um projeto pedagógico interdisciplinar desenvolvido numa sala de aula do quinto ano do Ensino Fundamental. O pano de fundo desta discussão foi meu estudo de doutorado sobre as práticas de espacialização engendradas pelas práticas de letramento que caracterizaram o referido projeto. Orientada pela abordagem filosófico-material da TAR e pelo entendimento de que o espaço é uma prática social (Lefebvre 1991; Soja 1996; Massey 2005), tomei o projeto em questão como uma translação liderada pela professora, tendo como atores-focais os elementos participantes dos eventos de letramento⁴ que compuseram os recortes analíticos feitos para fins de estudo.

Nessa translação, levei em conta o papel de elementos humanos e não humanos, a fim de identificar e descrever *quem* e *o que* estava agindo para que os sentidos fossem construídos e estabilizados (ou não). Ademais, somada a essa abordagem, desenvolvi uma metodologia para o mapeamento do espaço retórico, que consiste na criação de referenciais gráficos que servem para permitir a visualização das trajetórias de significação que orientam a direção dos sentidos na construção do espaço social. A seguir, após fornecer informações sobre toda a atividade, discorro sobre parte de um desses eventos: **a visita a uma emissora**

4. Por eventos de letramento entende-se tradicionalmente “qualquer situação em que a escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação” (Heath 1982: 93) [tradução minha].

de rádio, em que o grupo de crianças aprende sobre o funcionamento de uma emissora de rádio. No recorte apresentado, busco apresentar uma proposta de análise espacial pautada pelos referenciais teóricos até aqui discutidos.

Contextualização: Em sala de aula, alunos fazem a leitura do ponto “Ciência, Tecnologia e Sociedade”, no livro didático de Ciências. Após essa atividade, a professora sintoniza um aparelho de rádio em diferentes emissoras. Em seguida, pergunta às crianças sobre quais emissoras conhecem. A professora apresenta “O Livro das Invenções” à classe e lê brevemente sobre a história do rádio aos alunos. Após estudarem sobre a história do rádio, as crianças fazem uma saída de campo até uma emissora de rádio local, acompanhadas da professora e da coordenadora pedagógica da escola. Na emissora, aprendem sobre o real funcionamento de uma rádio. Durante a visita, as crianças fazem perguntas, anotações sobre questões que consideram interessantes e algumas tiram fotos.

Atores humanos focalizados: Alunos (As), Professora (P), Coordenadora pedagógica (C), Gerente da emissora de rádio (G).

Ações: Antes de saírem para o passeio, a professora orienta a classe a tomar nota sobre o que observarem durante a visita. Os alunos deslocam-se até à emissora em condução fretada. Todos estão munidos de caderno e caneta, e alguns também de máquinas fotográficas. Na rádio, as crianças são recebidas pelo gerente da emissora, que as conduz na visita, provendo explicações sobre o funcionamento e programação da rádio. Na lousa de seu escritório, o gerente ensina sobre a diferença entre os sinais AM e FM aos alunos. O grupo caminha pelas instalações da emissora e assiste à transmissão de um programa ao vivo. As crianças ouvem as explicações e fazem perguntas cujas respostas vão sendo acrescentadas aos seus registros.

Atores não humanos focalizados: Livro das Invenções, caderno, caneta, máquina fotográfica, lousa, anotações sobre a visita, equipamentos do estúdio de gravação da emissora (computadores, mesa moduladora, telefone, entre outros).

Excerto 1a

1. **P:** (dirigindo-se ao gerente) A gente ouviu o rádio, mas como é que é o espaço, como é que é a rádio por dentro, é um espaço muito grande, é um espaço pequeno? Como é que funciona essa emissão das ondas até chegar a nossa casa? Como é que acontece essa, entre aspas, mágica?

2. **G:** Pois é, eu vou é... (pega a caneta para escrever na lousa).

3. **P:** Psiu, óh!

4. **G:** Não reparam a minha letra que eu não tenho dom de professor, né? Não tenho a letra bonita, enfim, eu vou fazer aqui no quadrinho, tem um espacinho aqui, como é que, como é que o rádio, vê se eu consigo passar para vocês como é que funciona, então, o rádio. Existe um estúdio, né, que é aqui onde a gente está, uma casinha aqui (desenha). Isso aqui é uma casa, tá? Onde tá o estúdio. E aqui uma torre (desenha na lousa) (figura 01). Então fica lá na barra, que vocês chamam de 4ª secção da barra, ou é 5ª secção da barra, professora? Ali o distrito industrial. Estou há um ano em XX <nome da cidade>, tá? (...)

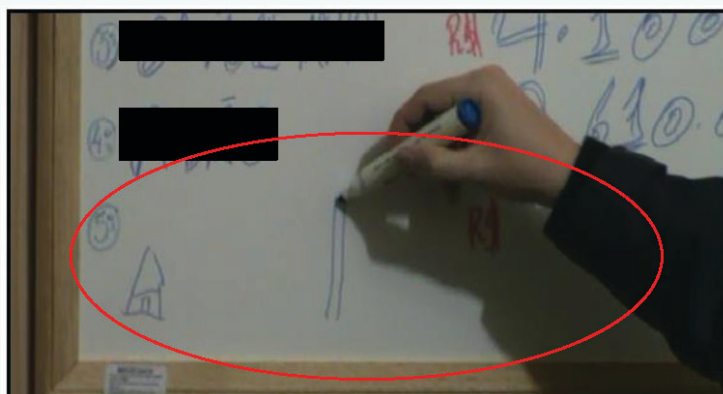


Figura 01 – O estúdio e a torre

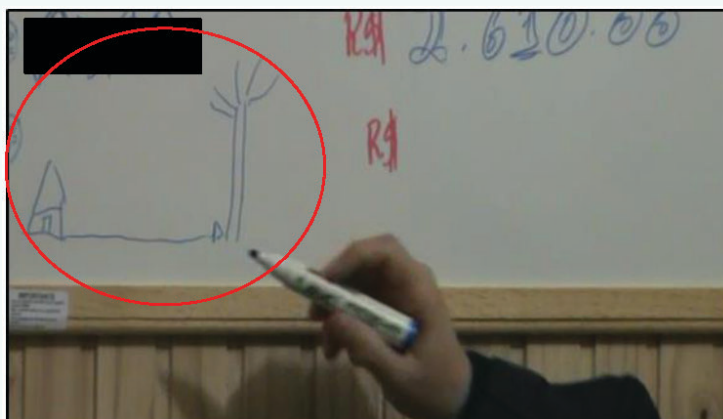


Figura 02 – Do estúdio para a torre

Excerto 1b

5. G: (...) bom, aqui tem o estúdio onde a gente fala, né? Tem o microfone, tem o estúdio ali, que a gente vai passar ali. E daqui pra esta torre aqui tem um link que tem o alcance de 10 km. Tem emissoras que fazem por cabos, tá? Tem emissoras, eu já trabalhei em emissoras que a nossa voz sai daqui por cabo e vem aqui nessa torre, não é, até chegar aqui (figura 02), mas no nosso sistema que é por link (apaga o traço desenhado entre o estúdio e a torre) (figura 03). Link é um sistema FM, né, que transmite, vamos pegar, sabe o radinho da polícia, aquele que o pessoal fala?

6. As: huhum.

7. C: Mais ou menos semelhante àquilo ali, que nem o nosso celular. Eu telefono, falo daqui, sai numa torre e da torre vai até o endereço. Então, o nosso link seria mais ou menos isso daqui: ele sai daqui do estúdio, tá, em ondas de FM e chega aqui nessa torre (figura 04). Aqui tem o transmissor, numa outra casinha, né, que daqui o nosso sinal é amplificado, tá? Com 5kwh de potência, que é a distância que ela vai alcançar e nós vamos receber no nosso rádio aquilo que foi produzido aqui. Não sei se fui mais ou menos assim...

8. P: Não, foi ótimo!

9. G: se fui claro.

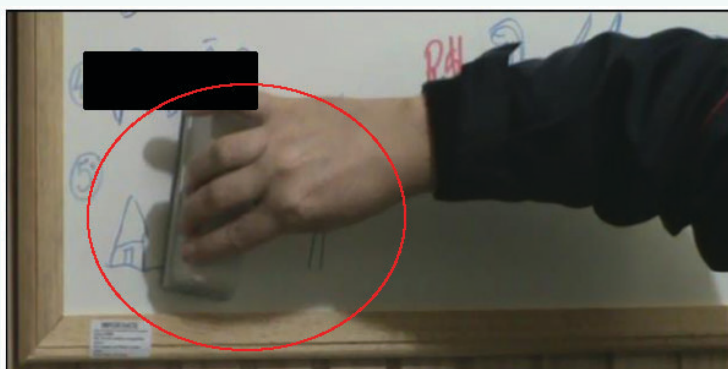


Figura 03 – Sistema por link

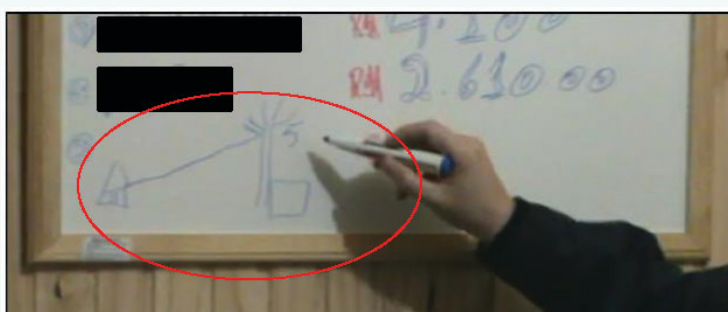


Figura 04 – Explicando o sistema

No excerto 1a, a pergunta posta pela professora, na linha 1 (“A gente ouve o rádio, mas como é que é o espaço, como é que é a rádio por dentro, é um espaço muito grande, é um espaço pequeno? Como é que funciona essa emissão das ondas até chegar a nossa casa? Como é que acontece essa, entre aspas, mágica?”), é reformulada, de maneira mais sucinta, pelo gerente da rádio na linha 4 (“como é que funciona, então, o rádio”). A partir disso, começa um conjunto de movimentos de significação que buscam responder a essa questão.

Num primeiro plano de análise, já de saída, o enunciado da professora revela a polissemia do termo rádio, marcada pelo gênero do artigo definido que antecede esse vocábulo, podendo conotar tanto um artefato ou aparelho sonoro, um meio de comunicação, ou um sítio físico. A “mágica” (linha 1) a que ela se refere parece concernir, pois, ao fato de desses três sentidos, ainda que distintos, compreenderem facetas de um mesmo fenômeno mais amplo.

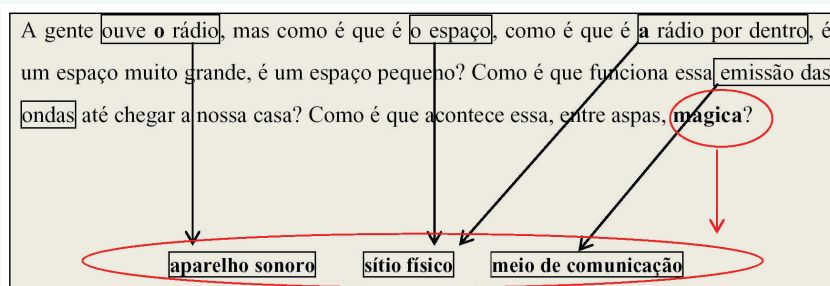


Figura 05 – Negociando os sentidos de rádio

Ainda no excerto 1a e 1b, os enunciados do gerente retomam esses três sentidos implícitos na fala da professora. Na medida em que ele fala e desenha (excerto 1a, linha 4 e excerto 1b, linhas 5 e 7) na lousa de seu escritório, esses sentidos do termo rádio vão concorrendo e sendo postos em negociação, conforme o esquema abaixo (figura 06). A transição entre esses sentidos é feita através da referência no enunciado a elementos concretos (microfone, transmissor). Ou seja, é a referência ao microfone que nos permite ir do sentido de rádio como sítio físico ao de rádio como meio de comunicação. Do mesmo modo, é a referência ao transmissor que reconecta o sentido de rádio como meio de comunicação ao de rádio como aparelho sonoro.

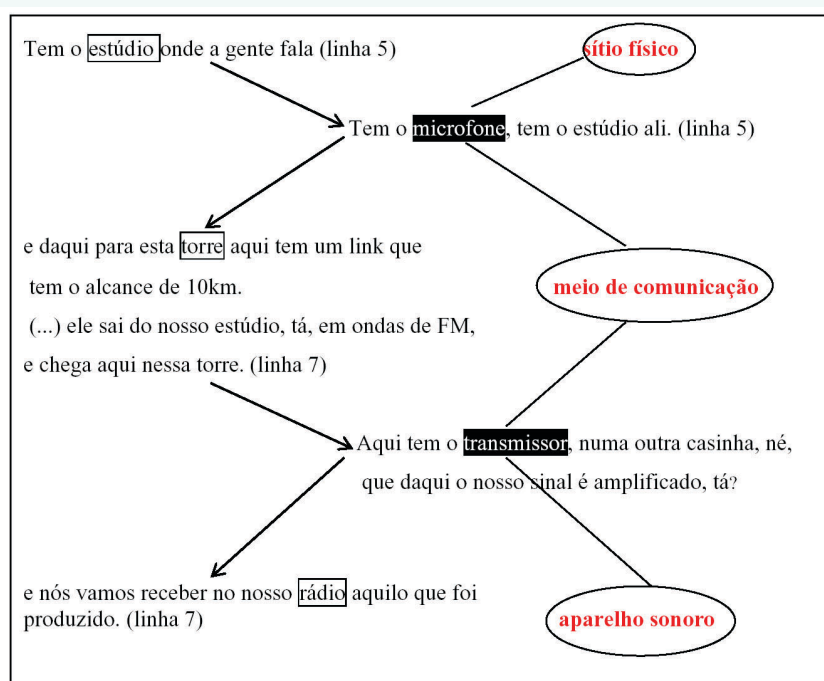


Figura 06 – Reformulação (a)

Todos esses sentidos de rádio correspondem a figurativizações de um mesmo ator (rádio), ou seja, microfone, transmissor, antena são figurativizações da “mágica do rádio”. Em princípio, o rádio é, para a classe, um mistério. Sabe-se o que entra e o que sai dele, e sabe-se que é sempre assim que ele funciona, porém as complicações internas são invisíveis, e, na realidade, também pouco interessam para o ouvinte. Ao prover explicações sobre o funcionamento do rádio, o que o gerente faz é descortinar esse mistério. No entanto, ele não consegue transmitir todos os sentidos em palavras, nos termos dos meninos, então simplifica, usando figurativizações análogas, como o radinho de polícia (excerto 1b, linha 5). Ele parece estar incerto quanto à capacidade das crianças de acompanhar a complexidade de sua explicação, e por isso pergunta se está “claro” (excerto 1b, linha 7).

Num segundo plano de análise, a explicação provida pelo gerente no excerto 1a e 1b apoia-se nos desenhos (figuras 01 a 04) que, nesse contexto enunciativo, fazem mais do que meramente ilustrar a

sua fala. A torre (excerto 1a, linha 4) aparece como um elemento que está, ao mesmo tempo, “aqui” e “lá” (figura 04). O elemento dêitico “aqui” refere-se ao desenho na lousa e também ao espaço de representação (espaço concebido) que o gerente está forjando (figura 07). Já o vocábulo “lá” tem a função dêitica de referir-se ao espaço concreto (espaço percebido), o distrito industrial, provavelmente um lugar para as crianças habituadas a transitar pela cidade ainda não plenamente apropriada, transformada em lugar, pelo gerente, que está na região apenas “há um ano” (linha 4).

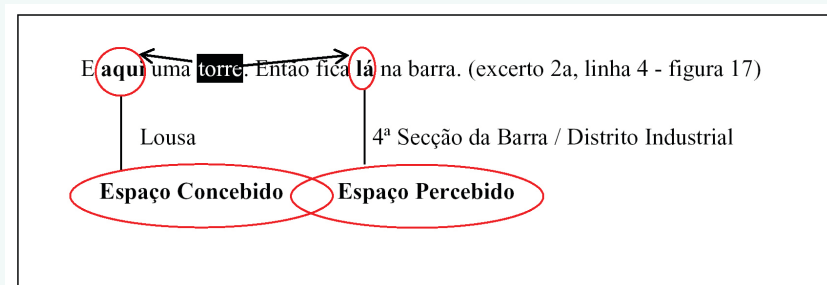


Figura 07 – Reformulação (b)

Os desenhos são aliados convocados pelo gerente para criar um espaço mental coletivo – um espaço de representação, e ao mesmo tempo organizar o seu próprio espaço mental. Eles funcionam como referências visuais que ressignificam, nesse plano, os argumentos verbais - mas não têm apenas essa função. Na figura 08, o movimento da voz “daqui” para “aqui” é visualmente amparado pela direção em que se move o cabo desenhado, que, na representação gráfica, assume a aparência de seta. É válido destacar que a torre, agora, não está mais “lá”, no espaço concreto (espaço percebido), mas “aqui”, na lousa, no espaço (sendo) concebido. Ademais, os desenhos são esquemáticos, sintetizam e extirpam os detalhes contextuais e os afetos do espaço vivido, privilegiando somente a forma e o conceito.

(...)a nossa voz sai **daqui** por cabo e **vem aqui** nessa torre (excerto 2a, linha 5).

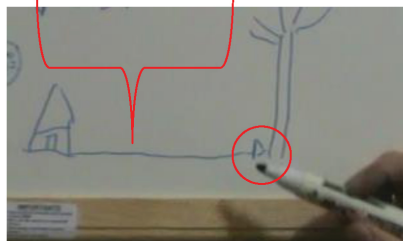


Figura 08 – A direção das ondas

Os desenhos também têm a função de traduzir o pensamento que não chega a ser verbalizado. No recorte abaixo, a oração coordenada adversativa introduzida pela conjunção adversativa “mas” (excerto 1a, linha 5) estabelece um contraste entre um fato expresso verbalmente e outro expresso visualmente no desenho. Isto é, o horizonte de sentido posto pela introdução da conjunção “mas” no referido enunciado permanece aberto no plano linguístico, completando-se somente no plano semiótico visual.

Tem emissoras, eu já trabalhei em emissoras que a nossa voz sai **daqui** por cabo e vem **aqui** nessa torre, não é, até chegar aqui (figura 16), **mas** no nosso sistema que é por link (apaga o traço desenhado entre o estúdio e a torre) (figura 03). Link é um sistema FM, né, que (...) (excerto 1b, linha 5).

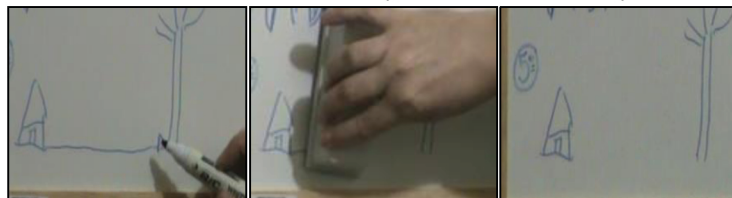


Figura 09 – Contrapondo sistemas

Excerto 1c

- 10. P:** Eu só, eu achava que vocês são, aqui é FM, não?
- 11. G:** AM, AM.
- 12. P:** Ah, tá! Como é que acontece essa?
- 13. G:** AM (volta-se para a lousa).
- 14. P:** Psiu, então, óh gente, há uma conversão, tá?
- 15. G:** Existe dois tipos de sinal.
- 16. P:** Óh!
- 17. G:** AM, que é amplitude modulada. A amplitude AM, ela, ela funciona desta forma (desenha na lousa) (figura 10), tá? E a FM, que é a frequência modulada, vocês já viram aquele diagnóstico médico, alguém já viu aquele exame médico?
- 18. As:** Sim! Sim!
- 19. G:** Viram aquela frequência da medicina, ali ela é assim, óh, mais ou menos assim, bem juntinha (desenha) (figura 11), tá? Por isso a diferença de sinal. AM tem amplitude modulada, a onda vai assim (gesto em forma de onda). Por isso que às vezes pegamos, tá, porque a onda fez uma volta (gesticula) (figura 12) e no momento que ela deu uma volta, perdemos o sinal. A frequência modulada não (volta-se para a lousa). Aí tem a chamada (inaudível), que é a onda captada bem no meio aqui (desenha), tá? E aí o sinal mais claro, mais nítido. Então isso é frequência modulada, e existe um projeto no Brasil para que, logo logo aí, todas as rádios AM vão ter uma chamada banda, tá, que também terá o sinal FM. Isso é uma coisa que vai sendo adaptada em processo. O Brasil é um país muito rico em comunicações, todo mundo sabe disso, né? Acontece um jogo lá do outro lado do mundo e nós assistimos dentro da nossa casa no rádio e na tv. Então essa do sistema analógico para o digital está sendo implantada aos poucos. As tvs já estão recebendo os sinais digitais, o rádio, principalmente o rádio FM, está caminhando nessa direção.

No excerto 1c, segundo a ilustração seguinte, novamente os desenhos aparecem funcionando como referenciais visuais que complementam os argumentos verbais do gerente. Na linha 17, após definir o significado de AM (“amplitude modulada”), o gerente explica o seu funcionamento graficamente. Na linha 17, o pronome demonstrativo “esta”, acrescido da preposição “de”, forma uma contração (“desta”) cujo referente só pode ser recuperado visualmente. Com isso, é introduzida a distinção gráfica sobre a qual se justifica a diferença na forma de operação das ondas AM e FM (“Por isso a diferença de sinal”) (excerto 1c, linha 19).

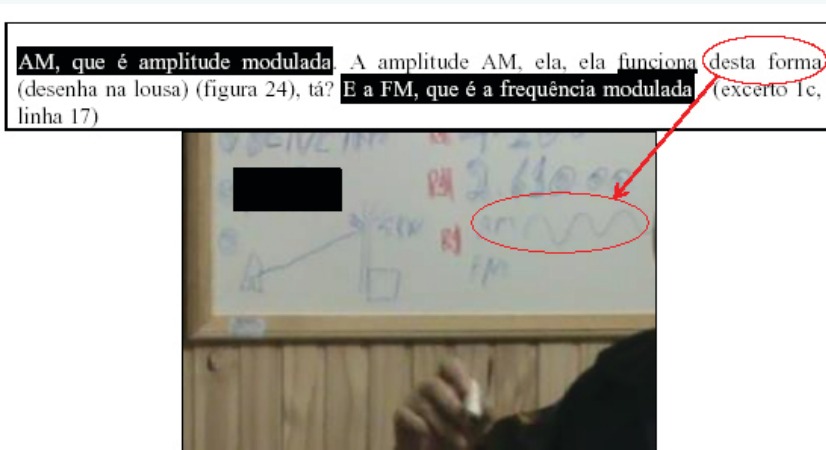


Figura 10 – Sinal AM

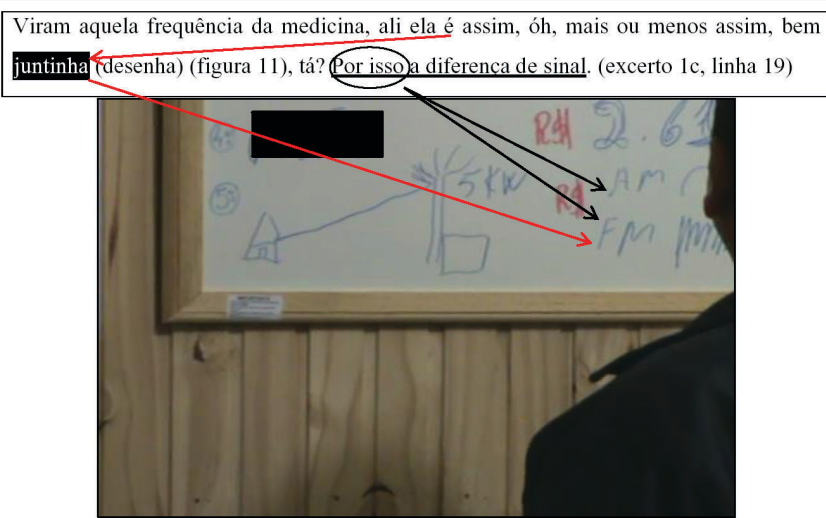


Figura 11 – Diferença entre sinais AM e FM

AM tem amplitude modulada, a onda vai assim (gesto em forma de onda). (...) A frequência modulada não (volta-se para a lousa) (excerto 1c, linha 17).

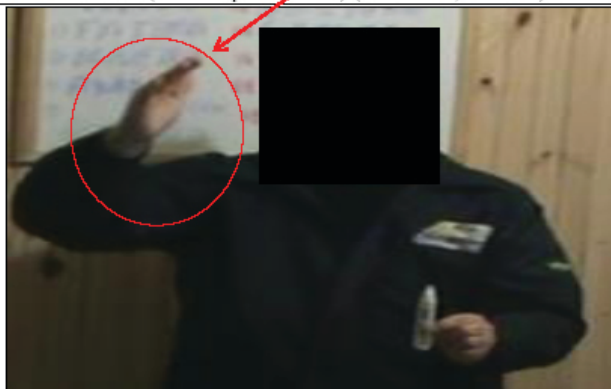


Figura 12 – Gestual das ondas FM

O gesto em que o gerente move o braço em movimentos ondulares (figura 12), explicando a direção das ondas do tipo AM no ar, coloca o seu corpo em cena como um outro ator que trabalha para garantir a inscrição das crianças na sua translação, uma vez que o gerente parece não ter diretamente acessível o vocabulário que lhe permitisse colocar tal explicação em termos linguísticos. Com esse gestual, ele aproxima a representação do que, de fato, é uma onda de rádio: um movimento, não uma substância. Observa-se, deste modo, uma sequência de movimentos de significação nos quais o sentido de AM é, da fala, ressignificado em forma de desenho na lousa para, então, ser retomado gestualmente.

Excerto 1d

- 20. A4:** Os nomes das pessoas no quadro são as pessoas que trabalham aqui?
- 21. G:** Alguns deles. Esse aqui é o quadro que a gente faz de valores. A rádio, ela é comercial, né, que é as pessoas tem que se pagarem, a emissora tem que se manter, tá? Então, aqui é um ranking de pessoas que vendem os programas, e são premiados. Ganham viagem, tem uns que abrem mão da viagem, então recebem dinheiro, enfim. Esses aqui, esses locutores (apontando para a lista) trabalham aqui sim, só que trabalham e vendem. (...)
- 22. P:** (...) Rádio dá pra vender alguma coisa? Que será que a rádio vende, hein? (dirigindo-se às crianças).
- 23. A10:** Aparece anúncios, a pessoa pode pegar o telefone desse lugar e ela pode pegar onde se localiza, e pode ir lá.
- 24. C:** E dá prêmio, dependendo se tem um programa que...
- 25. G:** (interrompe a coordenadora) Sim, tem muitos programas aí que a gente faz sorteio. Olha só, a função do rádio, a criação do rádio ela é para informar. É claro que as emissoras de umas pras outras muda a questão programação. A rádio XX <nome da rádio> ela é segmentada em esporte e jornalismo, tá. Esporte e jornalismo é o segmento da rádio XX <nome da rádio>. (...) No nosso caso, o principal é a informação, é as coberturas, é o esporte, é a XX e XX <nome de eventos locais>, é uma manifestação aqui no calçadão, uma manifestação na BR, este é o nosso foco principal (A10 levanta o braço, solicitando o turno), e depois a música.

No excerto 1d, o sentido de rádio, até o momento negociado em termos de aparelho sonoro, meio de comunicação e sítio físico, recebe uma nova figurativização: a de empresa “comercial” (excerto 1d, linha 21), que segue um determinado modelo de negócios em que certos produtos são vendidos e, a partir disso, os funcionários “têm que se pagarem”, sendo estabelecido entre eles um “*ranking*” de vendas, em que os melhores colocados são recompensados pela rádio – empresa. Ainda que afirme, na linha 21, que a rádio é comercial, o gerente não chega a dizer que a emissora objetive o lucro. Em vez disso, expurga os outros possíveis sentidos de vender e diz que “a emissora tem que se manter”.

A pergunta colocada pela professora na linha 22 (“Rádio dá pra vender alguma coisa? Que será que a rádio vende, hein?”), reforça esse novo sentido, instituindo a rádio como agente de relações de venda (logo também de compra) e, conseqüentemente, associando-a ao sistema capitalista que, em última instância, visa ao lucro. O aluno, por conseguinte, inscreve-se nessa nova translação ao corroborar o sentido

comercial, indicando que o objeto dessa relação de venda e compra é a promoção de outras relações comerciais, que se dão através da divulgação de anúncios publicitários que objetivam angariar consumidores para seus anunciantes. Em outros termos, A10 indica que o que o rádio vende é informação: o telefone e a localização de um determinado estabelecimento (linha 23), por exemplo.

Neste momento, o menino constrói a distinção entre loja e rádio, assumindo que ambos vendem, mas um vende produtos e a outro diz onde os produtos podem ser comprados. Muito possivelmente, essa sutil distinção entre vender como comercializar e vender como metáfora para “fazer propaganda” não tenha sido saliente para a professora e para o gerente. O que a colocação de A10 faz é reabrir esse espaço semântico, apontando para um terceiro espaço onde os posicionamentos estão todos prontos para serem questionados.

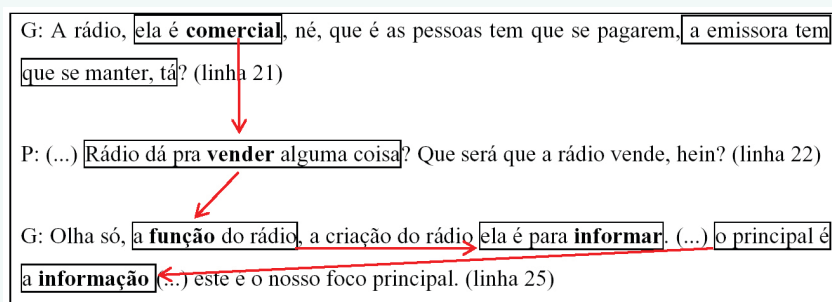


Figura 13 – Reformulação b

No contexto jornalístico, tal associação semântica é perigosa, visto que pode vincular o rádio (e a rádio) a interesses financeiros que comprometam a sua idoneidade como meio de comunicação e instância jornalística que está eticamente posicionada acima de interesses de ordem comercial. Isso justifica a retificação feita pelo gerente, a partir do enunciado da professora, de que a “função do rádio”, pelo menos a “principal”, é “informar” (linha 25), não vender em sentido comercial, como equivocadamente possa ter ficado subentendido. Em outros termos, a pergunta colocada pela professora ameaça romper a translação em que o gerente está tentando inscrever o grupo. Ela abre a discussão a um novo horizonte semântico, colocado pelo verbo “vender”. Através

da expressão “olha só” (linha 25), o gerente retoma seu eixo discursivo e, com isso, tenta manter todos em sua translação.

Nos movimentos de significação descritos neste evento, temos uma sequência de reformulações semióticas que buscam responder à questão inicialmente posta pela professora, e reelaborada pelo gerente da emissora, quanto ao funcionamento do rádio (excerto 1^a, linha 1 e 4). Mobilizando a lousa e a caneta como atores que embutem ao gerente provisoriamente o papel de professor, ele reespecializa a rádio, seu escritório de trabalho, transformando-o em espaço de aprendizagem. O “espacinho” (excerto 1a, linha 4) que ele encontra na lousa, cheia de anotações referentes à rotina de trabalho, significa, nesse contexto, a apropriação simbólica e material do espaço oficial da rádio.

Por vezes, a fala do gerente conecta a sua translação (que se refere a responder à questão inicial) a uma translação maior, em que o rádio faz parte de um conjunto de meios de comunicação que fazem do Brasil “um país muito rico em comunicações”, um país que vê o investimento em comunicações como sinônimo de desenvolvimento, a exemplo da citada implementação do sistema digital no lugar do sistema analógico de transmissão citado pelo gerente (excerto 1c, linha 19). Nesse sentido, o rádio é aqui apresentado como um ator que conecta a escala local do país e, em nível ainda mais local, a escala da casa, à escala global do mundo (“Acontece um jogo lá do outro lado do mundo e nós assistimos dentro de nossa casa no rádio e na tv” – excerto 1c, linha 19). Ou seja, um elemento capaz de colocar todos em uma mesma escala temporal, ao promover uma compressão espaço-temporal que suprime a distância geográfica entre o aqui (“dentro de nossa casa”) e o lá (“do outro lado do mundo”).

O gerente, por sua vez, também quer trazer a professora para a translação da rádio, visto que existe todo um discurso sobre responsabilidade social das empresas do segmento de comunicação. Discurso esse inclusive previsto em lei, atrelado ao fato de as rádios receberem uma concessão do governo que as autoriza funcionar. Observa-se que a professora, de algum modo, tira proveito de inscrever-se na translação do gerente e vice versa. À professora, interessa ter a rádio como uma aliada que serve a seus interesses pedagógicos; à rádio, em contrapartida, interessa ter a escola como uma aliada que garanta a sua

inscrição como agência promotora de valores e interesses que sirvam ao desenvolvimento social e educativo da região de sua abrangência.

Considerações *iniciais*

“Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furta-cor, de um fulgor quase intolerável. No início, julguei-a giratória; depois compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (a lâmina do espelhos, digamos) era infinitas coisas, porque eu via claramente de todos os pontos do universo (...) Senti uma infinita veneração, infinita pena.

– Você deve ter ficado zozzo de tanto xeretar onde não é chamado – disse a voz detestada e jovial (...).”

(O Aleph, Jorge Luis Borges)

As espacializações implicadas no breve recorte do evento de letramento descrito corroboram o argumento de que os letramentos (e as tecnologias a eles atribuídas) são tanto produzidos como produtores de práticas espaciais, logo, também de letramentos, sujeitos, contextos e sentidos. Ilustrativo dessas espacializações é o modo como os desenhos feitos pelo gerente na lousa de seu escritório, ao privilegiarem o espaço concebido (espaço de representação), suprimem o espaço vivido, o que, é válido dizer, constitui uma estratégia espacial característica das práticas escolares, de um modo geral.

Tal conclusão somente surge à vista porque a perspectiva espacial proposta nos concede as ferramentas conceituais e analíticas que tornam possível traçar e visualizar as circulações de sentidos, objetos, discursos, corpos e sujeitos movendo-se, juntos, através da rede. Essas circulações vêm a corroborar o caráter performativo do espaço, contrariando, pois, o entendimento de que o espaço existiria como um simples domínio concreto que serve de cenário às ações sócio-históricas. Além disso, nesta breve análise, foi possível mostrar que a espacialidade, ainda que ancorada no discursivo não está circunscrita

ao simbólico, uma vez que os elementos não humanos mobilizados (como a lousa), referentes à dimensão concreta da prática espacial, tem papel coprodutor na construção do espaço social.

Soma-se a isso o papel dos gestos nesse processo, trazendo à tona a dimensão corpórea como constituinte das práticas espaciais. A problematização do espaço proposta no estudo empírico corrobora os argumentos levantados na discussão teórica de que o espaço é performativo e dinâmico. No que se refere especificamente às reflexões sobre o aspecto contextual das práticas sociais, aponta para o fato de que o contexto, longe de ser uma dimensão dada e estática, tem várias escalas e articula-se sempre como um efeito das redes híbridas fora das quais o social não existe.

Desta breve discussão, interessa também ao escopo deste trabalho destacar o fato de que os mapas semântico-enunciativos utilizados para o mapeamento do espaço retórico funcionam como argumentos visuais cujo poder analítico e descritivo agrega à análise um raciocínio espacial alternativo e, ao mesmo tempo, complementar à linearidade da narrativa escrita referente à descrição da rede. Reconheço, entretanto, que esses mapas, ainda que sejam uma estratégia de reespecialização da narrativa escrita, são também espaços de representação e, como qualquer representação, correspondem sempre a um gesto, diga-se de passagem inescapável aos analistas da linguagem, de capturar e territorializar o vivido. Ainda assim, revozeando Borges em O Aleph – “o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do planeta, vistos sob todos os ângulos”, cabe lembrar: *Algo, contudo, (sempre) recuperaremos.*

Recebido em outubro de 2014

Aprovado em outubro de 2014

E-mail: lawson.camila@gmail.com

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. 1997[1929]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec.

- BARTON, D; HAMILTON, M. 2005. Literacy, Reification and the Dynamics of Social Interaction. In: Barton, D; Tusting, Karin. (Eds.). *Beyond Communities of Practice: Language, Power, and social Context*. Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J. 2008. Contexto é/como crítica. In: Signorini, I. (org.). *Situar a Língua(gem)*. São Paulo: Parábola. p. 93-115.
- BRANDT, D; CLINTON, K. 2002. Limits of the Local: Expanding Perspectives on Literacy as a Social Practice. *Journal of Literacy Research* 34/3:337-356.
- BORGES, J. L. 2012[1949]. *O Aleph*. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras.
- BUZATO, M. E. K. 2007. Desafios Empírico-Metodológicos para pesquisas em letramentos digitais. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 46/1:45-62.
- _____. 2009a. Letramento e inclusão: do estado nação à era das TICs. *D.E.L.T.A.* 25:1-38.
- _____. 2009b. Letramentos, novas tecnologias e a Teoria Ator-Rede: um convite à pesquisa. *Remate de Males* 29/1:71-87.
- _____. 2012a. Práticas de letramento na ótica da Teoria Ator-Rede: casos comparados. *Calidoscópico* 10/1:65-82.
- _____. 2012b. Letramentos em Rede: textos, máquinas, sujeitos e saberes em translação. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 12/4:783-809.
- CLARKE, J. 2001. Using Actor-Network Theories for the Study of Literacy Events and Practices in global and Local Settings. In: *Anais da International Literacy Conference*; Cape Town, South Africa. Cape Town; 2001. Disponível em: <<http://www.literacy.uct.ac.za/Papers/ClarkePaper1.html>>. Acesso em: 20 novembro 2013.
- FABRÍCIO, B. F. 2008. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: Redescrições em curso. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola. p. 45-65.
- FARACO, C. A. 2006. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições.
- GARCIA-CANCLINI, N. 2008. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Editora Iluminuras.
- GOFFMAN, E. 1963. *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. New York: Free Press.
- GOODWIN, C. 2000. Action and Embodiment Within Situated Human Interaction. *Journal of Pragmatics* 32:1489-1522.
- _____; GOODWIN, M. H. 2004. Participation. In: Duranti, A. (Org.). *A Companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Blackwell. p. 222-244.

- HAESBAERT, R. 2004. *O Mito da Desterritorialização*. Do Fim dos Territórios à Multiterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____; MONDARDO, M. 2010. Transterritorialidade e Antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. *GEOgraphia* 24:19-50.
- HAMILTON, M. 2001. Privileged literacies: policy, institutional process and the life of the IALS. *Language and Education*. Special Issue on the New Literacy Studies 15/2-3:178-196.
- HARVEY, D. 2010. *Condição Pós-Moderna*. Uma Pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola.
- HUTCHINS, E. 1995. *Cognition in the Wild*. Cambridge: MIT Press.
- KOSTOGRIZ, A. 2006. Putting “Space” on the Agenda of Sociocultural Research. *Mind, Culture, and Activity* 13/3:176-190.
- LATOUR, B. 2005. *Reassembling the Social: An introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press.
- _____. 1985. Visualisation and Cognition: Thinking with eyes and hands. In: Kuklick, H. (Org.). *Knowledge and Society Studies in the Sociology of Culture Past and Present*. Stamford: Jai Press 6. p. 1-40.
- LAVE, J. 1988. *Cognition in Practice: Mind, Mathematics and Culture in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAW, J. 1992. Notes on the theory of actor-network: ordering, strategy, and heterogeneity. *Systems Practice* 5/4:379-393.
- LEANDER, K. 2008. Toward a Connective Ethnography of Online/Offline Literacy Networks. In: COIRO, J. et al. *Handbook of Research on New Literacies*. New York: Routledge.
- _____; Sheehy, M (Eds.). 2004. *Spatializing literacy research and practice*. New York, Peter Lang.
- _____; Lovvorn, J. F. 2006. Literacy Networks: Following the Circulation of Texts, Bodies, and Objects in the Schooling and Online Gaming of Youth. *Cognition and Instruction* 24/3:291-340.
- LEFFA, V. 2006. Transdisciplinaridade no ensino de línguas. A perspectiva das teorias da Complexidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 6/1:27-49.
- LEFEBVRE, H. 1991. *The Production of Space*. Cambridge, MA: Blackwell.
- LEMKE, J. 2010. Letramento Metamidiático: Transformando Significados e Mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 49/2:455-479.
- MASSEY, D. 1993. Power Geometry and a progressive sense of place. In: Bird, J; Curtins, T; Putnan, G; Robertson & L. Tickner. (Eds.). *Mapping the Futures*. London: Routledge.
- _____. 1994. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- _____. 2005. *For Space*. London: Sage Publications.
- MOITA LOPES, L. P. 2004. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: Signorini, I; Cavalcanti, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras. p. 113-128.
- _____. 2008. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola. p. 85-107.
- MONDADA, L. 2008. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In: Signorini, I. (org.). *Situar a Língua(gem)*. São Paulo: Parábola. p. 67-90.
- PENNYCOOK, A. 2010. Critical and Alternative Directions in Applied Linguistics. *Australian Review of Applied Linguistics* 33/2:16.1-16.16.
- SCHEIFER, C. L. 2013. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada: Um processo de desreterritorialização, um movimento do terceiro espaço. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 13/3:919-939.
- _____. *Espaço-temporalidade, Ressemiotização e Letramentos: Um estudo sobre os movimentos de significação no terceiro espaço*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). 2004. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____. (org.). 2008. *Situar a Língua(gem)*. São Paulo: Parábola.
- SOJA, E. 1989. *Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. 1996. *Thirdspace*. Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell Publishing.
- STREET, B. 2003. What is New in the New Literacy Studies. Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education* 5/2:77-91.
- THRIFT, N. 2003. Space: the fundamental stuff of geography. In: Holloway, S; Rice, S; VALENTINE, G. (eds.). *Key concepts in geography*. London: Sage. p. 95-108.
- VADEBONCOEUR, J; HIRST, E; KOSTOGRIZ, A. 2006. Spatializing Sociocultural Research: A Reading of Mediation and Meaning as Third Spaces. *Mind, Culture and Activity* 13/3:163-175.